

I

Pouco depois do amanhecer, ou do que num céu normal seria o amanhecer, o Sr. Artur Sammler percorreu com o seu olho sobrance-lhudo os livros e os papéis no seu quarto em West Side, e teve a forte suspeita de que eram os livros errados, os papéis errados. De certo modo, não tinha importância, para um homem de setenta e tal anos e com o tempo todo por sua conta. Havia que ser um fanático para querer ter sempre razão. Ter razão era sobretudo uma questão de explicações. O homem intelectual tornara-se uma criatura explicativa. Toda a gente explicava, os pais aos filhos, os maridos às mulheres, os conferencistas ao seu público, os especialistas aos leigos, os colegas aos colegas, os médicos aos pacientes, o homem à sua alma. A génese disto, a causa daquilo, as origens dos acontecimentos, a história, a estrutura, as razões pelas quais. Na maior parte dos casos, a explicação entrava por um ouvido e saía pelo outro. A alma desejava o que desejava. Tinha o seu próprio saber natural. A infeliz poisava, pobre avezinha, sobre superestruturas de explicação, sem saber para onde levantar voo.

O olho fechou-se por instantes. Era um afã holandês, pensou Sammler, sempre a dar à bomba para manter enxutos alguns hectares de terra. O mar invasor era uma metáfora da multiplicação dos factos e das sensações; quanto à terra, era uma terra de ideias.

Não tendo nenhum emprego a que acudir, o Sr. Sammler pensou que podia dar ao sono uma segunda oportunidade para lhe resolver, via imaginação, certas dificuldades, e puxou sobre si o cobertor eléctrico desligado, repleto de tendões e protuberâncias. A orla de cetim

era agradável ao tacto. Estava ainda ensonado, mas não lhe apetecia dormir mais. Era altura de acordar.

Sentou-se e ligou a cafeteira eléctrica. Tinha deixado a água preparada antes de se deitar. Gostava de observar as mudanças na serpentina cor de cinza da resistência, que voltava furiosamente à vida, expedindo pequenas faíscas e tornando-se depois rubra sob o balão de pirex. Cada vez mais quente. Empalidecendo. Sammler só tinha um olho bom. O esquerdo apenas distinguia luz e sombras. Mas o olho bom, negro e brilhante, era muito observador sob os pêlos da sobrancelha, que tombavam para a frente como em certas raças de cães. Para a sua altura, o Sr. Sammler tinha um rosto pequeno. Tal combinação tornava-o conspícuo.

Era justamente nesta conspicuidade que ele estava a pensar; era uma coisa que o incomodava. Ao longo de vários dias, regressando da biblioteca da Rua 42, o Sr. Sammler observara um carteirista em acção. O indivíduo entrava sempre em Columbus Circle. Por volta da Rua 42, o trabalhinho, o golpe, estava feito. Se não fosse um homem alto e não viajasse de pé, o Sr. Sammler não teria visto nada daquilo com o seu olho bom. Mas agora perguntava a si mesmo se não se aproximara demasiado, se não tinha sido também visto a observar. Ele usava sempre óculos escuros, para proteger a vista, mas era impossível que o tomassem por um cego. Não trazia nenhuma bengala branca, apenas um guarda-chuva enrolado, ao estilo britânico. Além disso, não tinha a expressão típica dos cegos. O carteirista usava igualmente óculos escuros. Era um negro espadaúdo, com um casaco de pêlo de camelo e vestido com extraordinária elegância, como se tivesse como alfaiate o Sr. Fish, de West End, ou vestisse na Turnbull & Asser de Jermyn Street. (O Sr. Sammler conhecia bem Londres.) Os perfeitos círculos azuis dos óculos do carteirista, embutidos numa bonita armação dourada, voltaram-se para o Sr. Sammler, mas no seu rosto lia-se apenas o descaramento de um animal de grande porte. Sammler não era medroso, mas já tivera na vida todos os problemas que desejara. E com muitos destes, ainda à espera de assimilação, nunca chegaria a conformar-se. Suspeitou que o criminoso estava ciente de que um velho alto e grisalho (disfarçado de cego?) o tinha observado e seguido atentamente os seus delitos. De olhos cravados nele. Como se assistisse a uma operação de coração

aberto. E embora o Sr. Sammler dissimulasse e tivesse decidido não desviar o olhar quando o outro fitou, o seu rosto fechado e civilizado de homem idoso corou fortemente, os seus pêlos eriçaram-se e sentiu um formigueiro nos lábios e nas gengivas. Também sentiu uma constrição, um aperto na base do crânio, onde os nervos, os músculos e os vasos sanguíneos se entrelaçavam estreitamente. A atmosfera da Polónia do tempo da guerra percorria aqueles tecidos danificados — aqueles nervos de esparguete, como ele lhes chamava.

Os autocarros eram suportáveis, o metro era mortífero. Teria de desistir de andar de autocarro? Tinha-se metido na vida alheia, ao contrário do que conviria a um homem de setenta anos em Nova Iorque. O problema do Sr. Sammler era que nunca tinha em conta a sua idade, não se precatava da sua situação, ele, que não beneficiava da segurança conferida pelo estatuto social ou pelo tipo de isolamento propiciado por um rendimento de cinquenta mil dólares anuais — com a pertença a um clube, táxis, porteiros, acessos reservados. Para ele, havia os autocarros, ou o opressivo metropolitano, almoços de máquina automática. Não tinha grandes motivos de queixa, mas os seus anos de «inglês», as duas décadas passadas em Londres como correspondente de jornais e revistas de Varsóvia, haviam-lhe inculcado atitudes pouco úteis para um refugiado em Manhattan. As suas expressões eram mais próprias do membro dum clube de Oxford; tinha cara de frequentador da biblioteca do Museu Britânico. Sammler apaixonara-se pela Inglaterra antes da Primeira Guerra Mundial, quando era ainda um estudante em Cracóvia. Mas já tirara da cabeça a maior parte dessas tolices. Reconsiderara toda a questão da anglofilia, e reflectira criticamente sobre figuras como Salvador de Madariaga, Mario Praz ou André Maurois e o seu coronel Bramble. Conhecia o fenómeno. Ainda assim, confrontado com o elegante bruto no autocarro a meter a mão numa carteira — que ficara aberta —, Sammler adoptou uma atitude tipicamente inglesa. O rosto seco, composto, formal, exprimia a intenção de não se meter na vida de ninguém, exprimia desinteresse pelos assuntos dos demais. Mas nas axilas o Sr. Sammler sentiu um calor intenso, uma humidade; agarrado à sua correia, cercado de corpos cujo peso suportava, ou sobre os quais descarregava o seu quando os gordos pneus faziam com um grunhido mole a enorme curva para a Rua 72.

De facto, o Sr. Sammler parecia ignorar a sua idade, ou em que etapa da vida se encontrava. Percebia-se isso pela sua maneira de andar. Na rua mostrava-se tenso, rápido, excentricamente ligeiro e temerário, com o cabelo de homem de idade espetado na nuca. Ao atravessar a rua, levantava o guarda-chuva enrolado e apontava com ele aos automóveis, aos autocarros, aos velozes camiões, o lugar para onde pretendia ir. Corria o risco de ser atropelado, mas não podia evitar o seu jeito de caminhar em grandes passadas cegas.

Com o carteirista, Sammler ascendera a um novo patamar de temeridade. Sabia que o indivíduo trabalhava no autocarro de Riverside. Vira-o a roubar carteiras e denunciara-o à polícia. A polícia não se mostrou muito interessada na denúncia. Sammler sentiu-se tolo por ter corrido de imediato para uma cabina telefónica de Riverside Drive. Claro que o telefone estava partido. A maior parte dos telefones públicos estavam partidos, inutilizados. Serviam como urinóis. Nova Iorque estava a ficar pior do que Nápoles ou Salónica. Neste aspecto, assemelhava-se a uma cidade asiática, africana. Nem os bairros ricos estavam imunes. Abria-se uma porta faustosa e deparava-se com degradação, passava-se de um luxo bizantino, hiper-civilizado, para um estado selvagem, o bárbaro mundo de cor que irrompia por baixo. A barbárie podia perfeitamente reinar de ambos os lados da faustosa porta. No plano da sexualidade, por exemplo. No qual, tal como o Sr. Sammler começava a compreender, tudo consistia em alcançar os privilégios e as liberdades dos bárbaros, mas sob a protecção da ordem civilizada, com os seus direitos de propriedade, a sua refinada organização tecnológica, e por aí fora. Sim, devia ser isso.

O Sr. Sammler moía o seu café num moinho quadrado, entalado entre os compridos joelhos, girando a manivela no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Realizava as tarefas mais comuns com uma inépcia particularmente afectada. Na Polónia, em França, em Inglaterra, os estudantes, os jovens do seu tempo não estavam familiarizados com cozinhas. Hoje fazia coisas que outrora haviam sido feitas por cozinheiras e criadas. E fazia-as com uma espécie de rigidez sacerdotal. Que constituía uma admissão de declínio social. De fracasso histórico. De transformação da sociedade. Estava para lá da humilhação pessoal. Ele superara essas ideias na Polónia, durante a

guerra — sobretudo a estúpida pena pela perda dos privilégios de classe. Tão bem quanto podia, só com um olho, Sammler cerzia as suas próprias peúgas e pregava botões, limpava a banca da cozinha, e na primavera aplicava um *spray* na sua roupa de lã. Claro que havia mulheres à sua volta: Shula, a sua filha, e Margotte Arkin, a sua sobrinha (por afinidade), em cujo apartamento vivia. As duas ajudavam-no bastante, mas não de forma continuada, rotineira. O trabalho rotineiro era ele quem o fazia. Isso constituía até um indício da sua juventude — uma juventude acompanhada de certas tremuras. Sammler conhecia bem essas tremuras. Era divertido — Sammler notava em velhotas que usavam colãs estampados, ou em velhotes sexualmente activos, o estremecimento de vivacidade com que seguiam o soberano estilo juvenil. Os poderes são os poderes — suseranos, reis, deuses. E é claro que ninguém sabia quando é o momento de renunciar. Ninguém estabelecia acordos sóbrios e decentes com a morte.

Despejou no balão o café depositado na gavetinha do moinho. As espirais vermelhas da resistência tornaram-se esbranquiçadas e depois brancas. Endoideciam. Formaram-se bolhinhas. Uma a uma, as pioneiras subiram graciosamente à superfície. Depois começaram a fervilhar, em ebulição. Serviu o café. Na sua chávena, um cubo de açúcar, uma colherada de Pream. Costumava ter na mesa-de-cabeceira uma embalagem de pãezinhos de cebola comprados no Zabar. Embrulhados em plástico, um transparente saco uterino fechado com um clipe de plástico branco. A mesa-de-cabeceira forrada a cobre, uma antiga caixa humidificadora para guardar tabaco, mantinha as coisas frescas. Pertencera ao marido de Margotte, Ussher Arkin. Arkin, morto havia dois anos num desastre de avião, era um bom homem e Sammler lamentava-o, chorava-o e sentia a falta dele. Quando a viúva o convidou a morar no seu vasto apartamento da Rua 90 Oeste, Sammler perguntou-lhe se podia ter no seu quarto o humidificador de Arkin. Sendo ela própria uma sentimental, Margotte disse: «Claro, tio. É muito bem pensado. Tu gostavas mesmo do Arkin.» Margotte era alemã, romântica. Sammler era outra coisa qualquer. Nem sequer era seu tio. Ela era sobrinha da sua mulher, que morrera na Polónia em 1940. A sua falecida esposa. A falecida tia da viúva. Para onde quer que se olhasse ou tentasse olhar, deparava-se com os mortos. Não era fácil uma pessoa habituar-se.